

.....

Se a vida de Hugo Travers pudesse ser resumida em apenas uma palavra, ela provavelmente seria aventura. Essas oito letras, porém, ainda são poucas para abarcar as oito décadas de acontecimentos acumulados por esse argentino desde o momento em que decidiu, ainda adolescente, abraçar a dança em todas as suas formas. Tal como o fictício personagem-título encarnado pelo ator Tom Hanks no filme Forrest Gump (1994), de Robert Zemeckis, ele foi impelido a estar no lugar e na hora certos e se tornou ao mesmo tempo testemunha e protagonista da história, tendo sido agente de algumas das experiências mais marcantes dessa linguagem artística, tanto no Brasil, quanto no mundo, na segunda metade do século 20.

Nada disso teria acontecido se o jovem Travers não tivesse sido insistente (para viver e para dançar). Nascido em Buenos Aires em 1932, ele brigou contra uma série de doenças até vingar. Caçula de três irmãos, foi em Quilmes – que, localizada a 17 quilômetros da capital argentina, é berço da cerveja homônima – que ele cresceu e despertou para as artes pelas mãos da mãe, Isabel Vicenta (1897-1989), que costumava levá-lo para assistir a todo tipo de manifestação cultural.

Uma delas, conferida aos oito anos, foi a passagem da companhia Piccoli di Podreca com um show de marionetes. As cenas vistas ali foram tão marcantes que ficaram no imaginário do menino. De uma hora para a outra, ele sentiu que poderia também fazer suas próprias interpretações para aqueles trechos de *A Flauta Mágica*, de Wolfgang Amadeus Mozart (1758-1791) e *La Traviata*,

<< [capa] Hugo Travers (foto: Acervo pessoal)

< Hugo Travers (foto: Acervo pessoal)

de Giuseppi Verdi (1813-1901). Logo as brincadeiras com os primos que moravam no mesmo quarteirão se transformariam em tubo de ensaio para o que viria dali em diante.

Com amigos de escola, Travers também se arriscou no teatro, mas a falta de habilidade em projetar a voz o fez ser empurrado para trabalhos menores, dentro das coxias. Tempos depois, enquanto ouvia rádio com a mãe, recebeu a notícia que o conduziria de vez para a carreira em dança: o Ballet del Teatro Colón, o mais importante de Buenos Aires, estava com inscrições abertas para sua escola. Travers tinha então 15 anos e já havia sido seduzido pela dança graças ao cinema, por nomes como Fred Astaire (1899-1987) e Gene Kelly (1912-1996). O curso era a oportunidade que faltava para o garoto pôr no corpo tudo o que já havia visto na telona.

A pedra no caminho foi a mãe. Ciente das intenções dele, Vicenta o trancou em casa justamente no dia da audição. Vê-lo como bailarino estava fora de cogitação, já que o pai, Modesto Adán Patiño (1885-1976) – um militar da Marinha que costumava passar meses a fio fora de casa –, não aprovaria tal escolha. Apesar do revés, Travers não se deu por vencido: foi até o Teatro Colón implorar à banca por uma nova chance de teste. De tanto chorar na frente dela, conseguiu. Porém, foi impedido mais uma vez quando uma senhora amiga sua, a quem havia pedido dinheiro para ir até Buenos Aires, revelou o repeteco do plano a sua mãe.

Com isso, o sonho acabou forçosamente adiado, mas nunca esquecido. Aos 18 anos, ele conseguiria, enfim, calçar as sapatilhas pela primeira vez, ainda que escondido dos pais. A oportunidade

surgiu quando se mudou para Buenos Aires para aguardar a convocação do serviço militar obrigatório. Por lá, Travers ajudava uma tia no comando de uma livraria. Duas vezes por semana, saía mais cedo para ter aulas com Michel Borowski, então primeirobailarino do Colón. Ele manteve essa rotina até 1952, quando foi convocado a servir o Exército durante um ano. Nos primeiros três meses, seu destino foi Colonia Sarmiento, na gelada Patagônia, localizada no sul da Argentina. Nos seguintes, já de volta a Buenos Aires, conciliou a espartana vida militar com um retorno disciplinado aos estudos de balé, agora conduzidos por Roberto Arana em um estúdio no extinto hoje Teatro Marconi.

Também em 1952, o desejo de dançar de Travers o levou a fazer parte de uma companhia de dança folclórica mesmo não sendo este seu estilo favorito. Com uma técnica apurada à base do balé clássico. Ele logo se destacou, tornando-se um dos principais componentes do Ballet Folclórico Nacional Argentino de Santiago Ayala El Chúcaro. Seu pai mal podia imaginar que, à noite, em busca de uns trocados, o filho abandonava o quartel pelos palcos das casas noturnas portenhas, onde se apresentava.

Começava então a aventura da dança de Travers. Com o grupo e seus números folclóricos estilizados, atravessou toda a Argentina sem nunca ter abandonado a rotina de aulas de balé clássico. Foi assim até 1959, quando Alicia Alonso e seu Ballet Nacional de Cuba puseram os pés em Buenos Aires para uma turnê – atração imperdível para Travers, que se viu no papel de tiete quando, após uma encenação de O Lago dos Cisnes, correu



atrás de autógrafo dos bailarinos. Papo vai, papo vem. Ele saiu de lá com um convite: fazer aula com a companhia no dia seguinte.

Sem mãe ou pai para impedi-lo dessa vez, lá foi Travers fazer seus pliés e tendus sob o olhar atento de Alicia. Ao fim, quando se preparava para ir embora, foi barrado. Alicia queria falar com ele. A diretora acabara de se desentender com um bailarino escalado para a apresentação de logo mais. A solução mais simples, para ela, era ter Travers como solista, no número Czardas, do terceiro ato, ao lado de Laura, filha de Alicia. "Ela disse que eu tinha a força de um bailarino a caráter", conta Travers. Não houve tempo para pensar, nem foi necessário: ele topou e foi imediatamente aprender os passos. Travers acabava de ganhar seu passaporte para fora da Argentina. O feito o transformou no primeiro bailarino de sua turma a sair do país em uma companhia internacional.

O tino para aventuras, no entanto, estava apenas aflorando. No mesmo, 1959, em que se mudou para Cuba, a ilha passava por transformações após a Revolução puxada por Fidel Castro e a instituição do regime comunista. Travers permaneceu lá por um ano e meio, até embarcar em sua primeira grande turnê pelo exterior. Diante da então conjuntura política, o destino da viagem não podia ter sido outro: países tão comunistas quanto Cuba havia se tornado.

Na Rússia, ele dançou obras como Giselle, Coppélia e O Lago dos Cisnes e esbarrou com o revolucionário argentino Ernesto "Che" Guevara (1928-1967). Na China, ensinou danças latinoamericanas a bailarinos locais e executou números tradicionais

^{1.} As citações de Hugo Travers neste texto foram extraídas de entrevistas concedidas a Inês Bogéa e Marcela Benvegnu em fevereiro de 2013, em São Paulo.

< Ballet Folclórico Nacional Argentino de Santiago Ayala El Chúcaro (fotos: Acervo pessoal) >>







chineses. Na hora de voltar, em 1961, Travers já estava cansado da política comunista. Sem vontade de retornar para o país natal, ele queria se mudar para a Europa.

A ideia teria dado certo se, entre os quase 90 membros da companhia, não houvesse espiões do regime castrista para impedi-la de ser executada. No dia do voo de retorno de Praga a Cuba, Travers e um amigo do grupo, Alfredo Maciel, resolveram fugir pouco antes de o avião partir. Solidários, os demais bailarinos reuniram as economias que tinham na hora e cederam aos colegas. A quantia não ultrapassava 80 dólares. Com esse dinheiro, eles ficaram escondidos por dois dias naquela cidade do Leste Europeu. Sabendo da situação, um bailarino checoslovaco lhes pagou passagens até Berlim, onde encontrariam outro fugido do Ballet Nacional de Cuba.

Os dias que se seguiram foram de penúria. Travers escreveu a Cuba cobrando o último salário dele e dos colegas. Segundo os cálculos, o valor deveria ser de 1.500 dólares. Apenas cem chegaram, o suficiente para bancar uma alimentação restrita a aveia e leite. Aproveitando que ainda não existia o Muro de Berlim (construído apenas em agosto daquele ano de 1961, separando a Berlim Ocidental da Oriental), os amigos cruzavam a fronteira entre as duas partes da cidade, buscando a cotação monetária que lhes fosse mais favorável. Ainda assim, as adversidades não impediram Travers de continuar tomando aulas, agora na Ópera de Berlim. Por sugestão de um colega, ele escreveu para o cubano Alfonso Catá (1937-1990), então integrante do Ballet de Stuttgart, que o convidou para fazer uma aula por lá, onde acabou recebendo uma proposta de contrato.

Era 1961, e não haveria momento melhor para estar dentro do Stuttgart. Com figuras como a brasileira Márcia Haydée e o americano Richard Cragun (1944-2012), aquela viria a ser reconhecida como a época de ouro de companhia, que passava por uma revolução criativa liderada pelo sul-africano John Cranko (1927-1973). Travers calhou de vivenciar na pele essa história ao integrar o elenco de obras-primas como *Romeu e Julieta*. No período em que ficou sob a batuta de Cranko, o bailarino teve de recusar até um convite para trabalhar com Roland Petit (1924-2011) e Zizi Jeanmaire por não encontrar um substituto para si no Stuttgart.

Ao fim do contrato de três anos, ele optou por seguir um caminho arriscado: ingressar em uma companhia independente e itinerante ao lado de um casal de amigos da Argentina, Luis Gromas e Annemarie Hoth, com quem havia dividido os palcos nos tempos do Ballet El Chúcaro, pois, relembra Hugo Travers, "eu estava cansado de levantar bailarinas!".

A partir de então, as aventuras dele ganharam mais impulso. Com o trio, batizado Los Gromas, saiu apresentando danças latino-americanas por onde o dinheiro chamasse. Rodou o Oriente Médio e Ásia Central, passando por países como o Afeganistão e a Jordânia. Durante a Guerra dos Seis Dias, em 1967, chegou a ser detido no aeroporto de Beirute, no Líbano, de onde teve de ser retirado pelo empresário. Passado o conflito, deixou o trio e se firmou no Irã a convite de Abdollah Nazemi, fundador do Pars National Ballet, no qual atuou como professor, coreógrafo e bailarino, apresentando-se até na Televisão Nacional









Iraniana. Na época, pré-revolução de 1979, o país passava por um momento de franca liberdade, principalmente para as mulheres, o que conferia mais espaço criativo a Travers.

Em 1971, diante de uma doença do pai, ele retornou para a Argentina, mas não por muito tempo. No país, Travers reencontrou os colegas do Los Gromas e, com eles, passou uma temporada dançando em casas noturnas no México. De volta à cidade natal, ainda 1971, o destino lhe jogou mais um convite histórico: ingressar no Ballet Contemporáneo de la Ciudad de Buenos Aires, antigo Ballet de Oscar Araiz, então responsável pelas principais novidades criativas na dança cênica argentina.

O sucesso da companhia demandou turnês fora do país. Em 1974, parte do elenco rumou para Paris, e a outra seguiu para o Festival de Inverno de Ouro Preto. Naquela cidade de Minas Gerais, Travers não só dançou como também deu um curso frequentado por uma trupe de alunos com certo sobrenome Pederneiras. Os irmãos o levaram então à capital para ministrar uma bateria de aulas e, após o período, fizeram-lhe o convite que ele viria a aceitar: ajudar a montar uma escola e um grupo em Belo Horizonte já no ano seguinte.

A partir daí se desenrolaria o braço brasileiro da aventura "traversiana", que ocuparia metade de sua vida. Ao lado dos Pederneiras, no então recém-fundado Grupo Corpo, ele era "tutti-frutti", como Travers costuma chamar quem faz de tudo um pouco: bailarino, ensaiador, professor. Nessa época, lembra, "chegava em casa morto, morto, morto". Foi com esse núcleo inicial que ele estreou, em 1976, o fenômeno *Maria Maria*, com coreografia de Oscar Araiz, música de Milton Nascimento e roteiro de Fernando Brandt.





Travers calcula ter dançado a peça umas 500 vezes, "de dia, de tarde e de noite, pelo Brasil inteiro e pelo exterior, chegando a ficar 45 dias em cartaz no horário nobre do Théâtre de la Ville, em Paris. Foi algo como nunca vi!". Quatro anos depois, em 1980, o Grupo Corpo estreou Último Trem, repetindo a parceria com Araiz, Nascimento e Brandt. Na plateia estava Antonio Carlos Cardoso, então diretor do Corpo de Baile Municipal, hoje Balé da Cidade de São Paulo (BCSP), responsável pela transformação do perfil da companhia, do clássico ao moderno, seis anos antes. Logo após a apresentação, Cardoso convidou Travers a juntar-se a ele como bailarino, professor e assistente.

No ano seguinte, 1981, consciente de que o Grupo Corpo já havia se estruturado o suficiente para manter-se sem suas mãos, Travers desligou-se e rumou para São Paulo. Quando chegou, o cenário era diferente do prometido: Cardoso acabara de sair da companhia, que ficou nas mãos de Ivonice Satie (1951-2008) e Luis Arrieta. Mesmo assim manteve sua contratação como maître e assistente. Entre idas e vindas de diretores nos anos 1980, aquele com o qual Travers mais se identificou foi Klauss Vianna (1928-1992), detentor de uma serenidade partilhada por ele, que sempre preteriu os gritos, optando por anotar os erros dos bailarinos em um caderno para corrigi-los depois da passagem. "É preciso respeitar os alunos tanto quanto os alunos precisam respeitar o professor", sublinha Travers.

Vianna criou uma companhia paralela ao Balé, o Grupo Experimental do Theatro Municipal, em que Travers também atuava como assistente e que reunia nomes como Mariana Muniz, Susana Yamauchi, Daniela Stasi e Ismael Ivo. A lembrança mais marcante que Travers tem desse período é uma montagem de *Bolero*, de Lia Robatto, que celebrou a abertura do Centro Cultural São Paulo (CCSP), em 1982, reunindo os dois grupos em espaços diferentes daquela instituição.

Em 1985, chegou a hora de sair do Balé e rumar para o Rio de Janeiro, onde ingressou na equipe técnica do Ballet do Theatro Municipal, como professor e assistente, com o objetivo inicial de remontar *Magnificat*, de Oscar Araiz. Por lá, também subiu ao palco em montagens como *O Quebra-Nozes*, no qual encarnava Herr Drosselmeyer. Em uma dessas apresentações, em 1988, na presença do então presidente José Sarney, dois músicos recusaramse a tocar, foram demitidos e motivaram uma paralisação da orquestra. O Balé chegou a dançar com música gravada, gerando ainda mais insatisfação dos músicos.

A situação começou a ficar insustentável e motivou Travers a aceitar um convite para reestruturar a companhia do Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Por sugestão dele, o grupo adotou uma linha de trabalho mais contemporânea. O salário minguado, no entanto, o fez mudar de rumos outra vez e regressar para São Paulo, onde Emilio Kalil – seu colega de trabalho nos tempos de Grupo Corpo – dirigia o Theatro Municipal, fazendo-o voltar, em 1989, ao Balé da Cidade de São Paulo, no qual se tornou assistente do então diretor, Rui Fontana Lopes.

Quando Ivonice Satie retornou para comandar o grupo a partir de 1993, Travers ficou escanteado e passou para o setor administrativo da Secretaria Municipal de Cultura – mas, sempre que possível, dava pitacos no Balé. Em 2000, foi convocado para estruturar uma nova companhia de dança voltada para o balé





clássico e peças de repertório. Com poucos recursos e bailarinos, Travers dirigiu solistas do Theatro Municipal de São Paulo e fez o que pôde para colocá-lo em cena, priorizando a montagem de um espetáculo com trechos de peças variadas, já que não havia como elaborar uma produção de repertório de grande porte.

No ano seguinte, a convite da nova diretora, Mônica Mion, ele retornou – como *maître* – ao Balé da Cidade de São Paulo, de onde saiu apenas em 2012, já aposentado, após ter passado os quatro anos anteriores cuidando do acervo da instituição – tarefa que ele, na condição de arquivo vivo dessa história, pôde desempenhar como poucos.

Por Amanda Queirós

Amanda Queirós é jornalista especializada em dança e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Foi repórter dos jornais O Povo e Folha de S.Paulo. Dançou por mais de vinte anos, tendo se formado pelo Colégio de Dança do Ceará. De 1997 a 2001, manteve o Uma Bailarina..., um dos primeiros sites sobre balé no Brasil. Atualmente é editora do jornal Metro.



Hugo Travers | Cronologia

1932 Em 27 de janeiro, em Buenos Aires, nasce Hugo Andrés Patiño, conhecido artisticamente como Hugo Travers, filho de Isabel Vicenta Travers (1897-1989) e Modesto Adán Patiño (1885-1976);

1935 Muda-se com a família para Quilmes, na Grande Buenos Aires;

1940 Com oito anos, é levado pela mãe para assistir a apresentações de marionetes da companhia Piccoli di Podreca e a apresentações do Circo Sarrazani;

1947 Inspirado por astros do cinema como Fred Astaire (1899-1987) e Gene Kelly (1912-1996), se interessa pela dança. Ouve no rádio o anúncio de uma audição na escola do Instituto Superior de Arte del Teatro Colón, em Buenos Aires. A mãe impede a viagem;

1949 É selecionado para o serviço militar no Exército argentino e, enquanto aguarda para se apresentar, muda-se para Buenos Aires, indo trabalhar na livraria de uma tia. Nesse período, inscreve-se na escola de Michel Borowski e, tardiamente, inicia os estudos de dança, ainda escondido dos pais;

1952 É chamado para se apresentar para o serviço militar na Patagônia, em Colonia Sarmiento, sendo obrigado a interromper os estudos de dança por três meses. Retorna para Buenos Aires e volta às aulas em um estúdio no (hoje extinto) Teatro Marconi, onde, paralelamente ao restante do serviço militar, faz aulas de balé clássico com Roberto Arana. Ingressa no Ballet Folclórico Nacional Argentino de Santiago Ayala El Chúcaro para aprender esse tipo de dança, permanecendo durante sete anos e vindo a tornar-se primeiro-bailarino;

1959 Durante uma temporada do Ballet Nacional de Cuba (BNC) em Buenos Aires, é convidado por Alicia Alonso para assumir o lugar de um bailarino no terceiro ato de O Lago dos Cisnes, de Marius Petipa (1818-1910) e Lev Ivanov (1834-1901), no trecho Czardas, que dança ao lado de Laura Alonso. Permanece no BNC por três anos e dança na América Latina, União Soviética e Extremo Oriente obras como Coppélia, versão de Leon Fokine (1905-1973); Giselle, de Adolph Adam (1803-1856); Despertar, de Enrique Martínez (1926-1998); Un Concierto en Blanco y Negro, de José Pares; e Capriccio Espagnol, de Léonide Massine (1896-1979);

1932 - Nasce em Buenos Aires

1947 - Travers se interessa pela dança



1961 Faz aulas no Balé da Ópera de Berlim, na Alemanha Ocidental, por dois meses e é logo contratado pelo Ballet de Stuttgart, sob a direção de John Cranko (1927-1973). Ali dança com Marcia Haydée, Richard Cragun (1944-2012), Georgina Parkinson (1938-2009), Rosella Hightower (1920-2008), Nadia Nerina (1927-2008), Erik Bruhn (1928-1986), Margot Fonteyn (1919-1991), Rudolf Nureyev (1938-1993), Kenneth MacMillan (1929-1992) e Peter Wright. Dança Ballettabend, de Cranko;

1962 Dança Romeu e Julieta, Coppélia, Antígona e Lago dos Cisnes, todas coreografias de Cranko;

1964 Sai do Ballet de Stuttgart e forma com os bailarinos Luis Gromas e Annemarie Hoth o trio Los Gromas. Viajam em turnê pela Bélgica, Suécia, Holanda, Dinamarca, Itália e outras partes da Europa até o Oriente Médio e Ásia Central, em países como a Jordânia, Líbano, Iraque, Irã e Afeganistão;

1967 É contratado para trabalhar na Televisão Nacional Iraniana com o Pars National Ballet, como coreógrafo, bailarino e professor. Permanece no Irã durante quatro anos;

1970 De volta à Europa faz audição para professor na escola de Ivo Cramér (1921-2009), em Estocolmo:

1971 Regressa à Argentina para ver o pai e integra o Ballet Contemporáneo de la Ciudad de Buenos Aires, antigo Ballet de Oscar Araiz. Permanece no grupo durante quatro anos;

1974 Vem ao Brasil para participar do Festival de Inverno de Ouro Preto. Ao lado de Norma Binaghi e Cristina Barnils, estreia o balé *Cenas de Família*, de Oscar Araiz, no Teatro Odeón, em Buenos Aires;

1975 Ao lado de Isabel Costa e Paulo e Rodrigo Pederneiras, funda o Grupo Corpo, em Belo Horizonte. Permanece no Grupo por sete anos, atuando como bailarino, professor, ensaiador, assistente de coreografia e técnico de luz;

1976 Em *Maria Maria*, de Oscar Araiz e Fernando Brandt, com música de Milton Nascimento, atua como assistente, professor e bailarino, interpretando um deus africano;

1980 O Grupo Corpo estreia Último Trem, de Oscar Araiz e Fernando Brandt, com música de Milton Nascimento, repetindo a parceria de *Maria Maria*. Travers interpreta os personagens Joaquim e um dos representantes da autoridade, além de atuar como assistente de coreografia.

1961 - Coppélia

1974 - Cenas de Família





É convidado por Antonio Carlos Cardoso para ser assistente de coreografia, professor e bailarino no Corpo de Baile Municipal, hoje BCSP, na gestão de Luis Arrieta e Ivonice Satie;

1981 Nesse período, trabalha com coreógrafos como Victor Navarro, Luis Arrieta, Sônia Mota, Lia Robatto, Susana Yamauchi, Mara Borba e outros;

1982 No BCSP é assistente de coreografia de Lia Robatto em *Bolero*. Além disso, integra como convidado especial o elenco do Grupo Experimental do Theatro Municipal, ao lado de Ismael Ivo e Susana Yamauchi. Permanece como assistente no BCSP até 1985:

1985 Contratado pela Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (Funarj), ingressa na equipe técnica do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro como professor e assistente em balés de Oscar Araiz, Peter Wright, Rodrigo Pederneiras, Fernando Bujones (1955-2005), Enrique Martínez e George Balanchine (1904-1983). Dança os balés O Quebra-Nozes, como Herr Drosselmeyer, e Dom Quixote, no papel-título, em versões de Dalal Aschar;

1988 Em Belo Horizonte, dirige a nova companhia de dança do Palácio das Artes, que apresentava um repertório contemporâneo de coreógrafos nacionais e estrangeiros. Nesse ano, trabalha como assistente de coreografia nas obras *Tudo Bem, Meu Bem,* de Sônia Mota; *Trindade,* de Luis Arrieta; e *Karadá,* de Susana Yamauchi; e assina a remontagem de *Tango Concierto,* de Julio López. É convidado pelo grupo Nós da Dança para ministrar aulas de técnica clássica:

1989 Retorna ao Balé da Cidade de São Paulo como diretor artístico assistente. Permanece no BCSP até julho de 1999;

1992 É convidado para participar do Festival de Dança de Joinville como professor e jurado;

1994 Ao lado de Ana Botafogo, estrela *Dom Quixote*, de Petipa, no Theatro Municipal de São Paulo; o balé é remontado pela Cisne Negro Cia. de Dança, e Travers interpreta o papel-título. É novamente convidado a compor o júri do Festival de Dança de Joinville;

1995 Naturaliza-se brasileiro:

1996 Integra o júri do Grand Prix Brasil Dança, evento organizado pela Promodança de São Paulo;

1980 - Último Trem

1982 - Balé da Cidade de São Paulo



1999 Participa do Mapa Cultural Paulista – Dança, pela Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo. É convidado para ser jurado do Prêmio Multicultural Estadão, promovido pelo jornal O Estado de S. Paulo;

2000 É coordenador e supervisor cenotécnico do Theatro Municipal de São Paulo. Lá, atua também como diretor artístico do Ballet Solistas do Theatro Municipal de São Paulo, para o qual remonta trechos de O Quebra-Nozes, O Corsário, Don Quixote, Lago dos Cisnes, Paquita e A Bela Adormecida, de Petipa; Chamas de Paris, de Vasili Vainoven (1901-1964); Les Sylphides, de Michel Fokine (1880-1942); e Diana e Actéon, de Agrippina Vaganova (1879-1951);

2001 É convidado por Mônica Mion, então diretora do BCSP, para o cargo de *maître de ballet*, que ocupa até o fim de 2007;

2008 Passa a cuidar do acervo do Balé da Cidade de São Paulo. Atua nessa função até dezembro de 2012:

2009 É homenageado em Buenos Aires como antigo primeiro-bailarino do Ballet Folclórico Nacional Argentino;

2011 É homenageado no 50º aniversário do Ballet Stuttgart, na Alemanha;

2012 Afastou-se do Balé da Cidade de São Paulo.

Cronologia por Bruno Alves

Bruno Alves é jornalista, trabalhou como repórter e colunista social no Jornal de Piracicaba. É assistente de Educativo da São Paulo Companhia de Dança.

Bolero, de Lia Robatto, 1982 (foto: Acervo pessoal) >>>

1985 - Dom Quixote

1985 - O Quebra-Nozes







Para Saber Mais

Sites

http://www.brpress.net/index.php?option=com_content&view=article&id=3184:dancabale-da-cidade-sucesso-na-suica&catid=261:danca

http://www.amigosdopeito.com.br/artedesign/artigos/ballet-cuba.html

http://www.balletindance.com.ar/index.php?option=com_content&task=view&id=499& Itemid=596

http://www.centrocultural.sp.gov.br/30anos/galeria_danca.swf

https://pipl.com/directory/name/Travers/Hugo/

http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u5475.shtml

http://www.stuttgart-ballet.de/company/celebrate-richard-cragun/

http://www.amigosdopeito.com.br/artedesign/artigos/ballet-cuba.html









É uma companhia que dança de ponta a ponta, seja pelo variado repertório, que vai do clássico ao contemporâneo; seja pela diversidade dos programas, que abrangem Produção Artística e Circulação de Espetáculos; Programas Educativos e de Formação de Plateia; e Programas de Registro e Memória da Dança. Criada pelo Governo do Estado de São Paulo em 2008, a SPCD, dirigida por Inês Bogéa, busca uma conexão com a plateia pela paixão, curiosidade e percepção do mundo da



2012⁻



...2013







2010



Figuras da Dança

2009



....2008

A dança tem muitas histórias, e para revelar um pouco delas a Companhia criou a série de documentários Figuras da Dança que traz para você essa arte contada por quem a viveu. A série conta com 26 episódios: Ady Addor, Ismael Guiser (1927-2008), Ivonice Satie (1950-2008), Marilena Ansaldi, Penha de Souza, Antonio Carlos Cardoso, Hulda Bittencourt, Luis Arrieta, Ruth Rachou, Tatiana Leskova, Angel Vianna, Carlos Moraes, Márcia Haydée, Décio Otero, Sônia Mota, Célia Gouvêa, Ana Botafogo, Ismael Ivo, Lia Robatto, Marilene Martins, Edson Claro (1949-2013), Hugo Travers, Janice Vieira, Cecília Kerche, J.C. Violla e Eva Schul.

A série teve codireção de Inês Bogéa e Antônio Carlos Rebesco (2008), Sérgio Roizenblit (2009), Moira Toledo (2010) e direção de Inês Bogéa (2011 a 2013).





GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GERALDO ALCKMIN GOVERNADOR DO ESTADO

MARCELO MATTOS ARAUJO Secretário de Estado da Cultura

MARIA THEREZA BOSI DE MAGALHÃES

Coordenadora da Unidade de Fomento e Difusão da Produção Cultural

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA ASSOCIAÇÃO PRÓ-DANÇA

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

DIREÇÃO Inês Bogéa

SUPERINTENDÊNCIA Luca Baldovino | José Galba de Aquino

ENSAIO

Coordenadora e ensaiadora | Karina Mendes Professora e ensaiadora | Ilara Ferreira Lopes Professor | Iosé Ricardo Tomaselli Assistentes de Ensaio | Beatriz Hack | Duda Braz BAILARINOS | ACAOÃ DE CASTRO, ALINE CAMPOS, AMMANDA Rosa, Ana Paula Camargo, Ana Roberta Teixeira, André GRIPPI, ARTEMIS BASTOS, BEATRIZ HACK, BINHO PACHECO, Bruno Veloso, Daniel Reca, Danyla Bezerra, Diego de Paula, Duda Braz, Emanuel Abruzzo, Fabiana Ikehara, Fellipe Camarotto, Flávio Everton da Conceição, GEIVISON MOREIRA, ISABELA MAYLART, JOCA ANTUNES, Karina Moreira, Leony Boni, Letícia Martins, Louiz Perazzelli Rodrigues, Lucas Axel, Lucas Valente, Lúcio Kalbusch, Luiza Del Rio, Luiza Lopes, Luiza Yuk, Michelle Molina, Morgana Cappellari, Murilo GABRIEL, NIELSON SOUZA, OLIVIA PUREZA, PAMELA Valim, Pilar Giraldo, Rafael Gomes, Roberta Bussoni, Rodolfo Saraiva, Thaís de Assis, Thamiris Prata. Vinícius Vieira, Yoshi Suzuki PIANISTA | ROSELY CHAMMA

Auxiliares de Ensaio | Isadora Fatigati Battiato | Andréia Lazzari Chiovatto

Estagiários | Giovanna Sartori Pereira | Karina da Silva Pessoa Firme

Créditos do livreto

Projeto gráfico: Mayumi Okuyama | Diagramação: Janaina Seolin | Fotografias da cronologia: Acervo pessoal | Revisão de textos: Mario Vilela

< Hugo Travers (fotos: Acervo pessoal)

PRODUCÃO

Coordenador | Antonio Magnoler Encarregado de Palco | Luiz Antônio Dias

PRODUTOR | MARCIO BRANCO

PRODUTOR TÉCNICO | LUIZ ALEX TASSO

Maquinista | Thiago Merij

Iluminadores | Guilherme Paterno | Sueli Matsuzaki

Técnico de Som | Sérgio Paes

Auxiliar Administrativo de Produção | André Souza Camareiras | Elizabete Roque | Vera Lúcia Pereira

EDUCATIVO, MEMÓRIA E COMUNICAÇÃO

Coordenadora | Marcela Benvegnu

Assessor de Audiovisual | Charles Lima

Assistentes de Educativo | Bruno Cezar Alves | Cláudia

Assistentes de Comunicação | Paula Quaresma Freitas | Thiago Augusto de Souza

Assistente de Produção | Ana Luiza Brólio de Paula

Assistente Audiovisual | Carlos Yamamoto Diagramadora | Janaina Seolin

ESTAGIÁRIOS | ERIKA MUNIZ | PAULA MONTINGELLI CEZAR |

CAROLINE PUZONI SILVA

ADMINISTRAÇÃO

Coordenador | Marcio Tanno

CONTROLLER | ALEXANDRE AUGUSTO DOS SANTOS

Assessora Administrativo-Financeiro | Cristiane AURELIANO

Assessor Contábil | Luiz Artur Rozin

Secretária de Direção | Morgana Lima

Analista de TI | Marco Aurélio Piton

Analista Administrativo-Financeiro | Eduardo Bernardes da Silva

Assistente Administrativo-Financeiro | Carlos Soares

Assistente Contábil | Diego Mendes Martins Assistente de TI | César Henrique Cruz da Silva

Arquivista | Maria Fernanda Freitas

Almoxarife | Guilherme de Souza RECEPCIONISTA | EVANGELINA MELO

Auxiliar de Departamento de Pessoal | Gerson de Carvalho Alvico

Auxiliares Administrativo-Financeiro | Felippe Gozzi Figueiredo | Jeferson de Souza Dias

Auxiliares de Serviços Gerais | Edmilson Evangelista DOS SANTOS | NEIDE DOS SANTOS NERY | ANÁLIA PEREIRA DE

Aprendizes | Ana Carolina Florêncio Nogueira | Marcus VINÍCIUS ROCHA PRATES

COLABORADORES

Consultoria Jurídica | Mannrich, Senra e Vasconcelos Advogados | Barbosa e Spalding Advogados Consultor artístico | Guy Darmet Contratos Internacionais | Olivieri Associados Contabilidade | Escritório Contábil Dom Bosco Fornecedor Exclusivo de Sapatilhas | Capezio Serviços de Fisioterapia | VitaCare Website | VAD - Projetos Multimídia

Assessoria de Comunicação | Edelman Significa













Patrocínio



Finalização





Realização









